

Empresários apóiam cruzada antidéficit

Para lideranças empresariais, é um dever da sociedade acreditar que o presidente Sarney está empenhado na redução do déficit. E apóiam, apesar dos riscos de maior aperto na economia



Mário Amato

10/11/87

O presidente da Federação das Indústrias do Estado de São Paulo (Fiesp), Mário Amato, disse ontem que é um dever de toda a sociedade acreditar que o presidente Sarney está realmente empenhado em promover a redução do déficit público. "Seria antipatriótico duvidar dos seus propósitos", declarou Amato, que se considera um otimista. "Faço votos que dê certo. Peço a Deus que tudo corra bem." Para ele, a simples menção dos membros do governo de que será adotada uma política de austeridade será suficiente para fazer recuar o ritmo da inflação em "dois ou três pontos". A inflação contém um grande componente psicológico, acredita. "Basta estancar a sangria para que a economia retome o seu equilíbrio."

Abram Szajman, presidente da Federação do Comércio do Estado de São Paulo: "Pela primeira vez tenho a impressão de que o governo irá atender a um anseio da sociedade e controlar as contas do governo. É preciso, porém, que essas medidas sejam aplicadas com cautela. Desejamos o controle do déficit público, mas tememos a recessão. Os erros do passado têm de ser corrigidos sem que a sociedade seja penalizada. Os salários dos trabalhadores já estão muito baixos e não comportam carga fiscal ainda maior. Acho, entretanto, que a vida das pessoas vai ficar ainda mais apertada. Toda a sociedade vai ter de dar a sua contribuição. Será o tributo a ser pago pela falta de visão dos membros do governo"

Pedro Conde, presidente do Banco de Crédito Nacional: "O presidente Sarney deu na última segunda-feira um indício de que promoverá finalmente o desejado corte no déficit público. Vamos

que isso aconteça. O Brasil está precisando. Acho que a redução das despesas do governo não provocará recessão, se for feita de forma racional. Acredito até que o efeito será no sentido inverso, criando uma perspectiva de equilíbrio e aumentando a credibilidade. A inflação não será reduzida facilmente. Exige um trabalho de perseverança. Acho que agora não existe mais risco de hiperinflação. O caminho a ser seguido é mesmo o do corte das despesas. Isso deveria ter sido feito antes para evitar que a economia chegasse ao ponto de descontrole, em que se encontra agora".

Flávio Telles de Menezes, presidente da Sociedade Rural Brasileira: "O governo encontra-se num estágio que em aviação se chama V 2 e não permite recuo. Ou decola ou cai. O presidente terá de aplicar as medidas que anunciou para não ser derrubado. Não se trata de uma opção política, mas uma questão de sobrevivência. Com uma inflação em ritmo acelerado, como a atual, não há governo que se sustente. Por isso, tenho esperança que a partir de agora as coisas possam melho-



Pedro Conde

25/03/85

rar. Não concordo com a tese de que, no atual regime de liberdade de mercado, os preços tendam a se alinhar. Os valores de mercado estão se desalinhando com rapidez. Acho que as medidas anunciadas são até tímidas. O governo vai ter de cortar mais fundo a sua carne".

Romeu Chap Chap, empresário: "O presidente Sarney anunciou o indispensável e espero que esse novo programa seja cumprido, apesar do descrédito generalizado que se instalou. Sabemos que haverá pressões, é um ano eleitoral, mas no ano passado não acontecia diferente. Parece-me, agora, que ele rompeu definitivamente com o PMDB e está mais confiante, com mais disposição de acertar. É como se estivesse numa UTI, onde qualquer esforço pode significar o prolongamento da vida. De qualquer forma, vamos aguardar 90/120 dias para ver se na prática o grau de eficiência e cumprimento das medidas dará resultado".

Lawrence Pih, empresário: "A corrupção neste governo é endêmica e tenho sete razões para não acreditar nessas mudanças. Os juros in-



Flavio Telles Menezes

25/11/86

ternos já voltaram a subir, na captação, o que eleva o custo da dívida interna. O governo usará medidas políticas de subsídios para reduzir a inflação e exercerá forte pressão sobre o Tesouro".

Giancarlo Tazzioli, diretor-superintendente da Sandvik do Brasil: "Como intenção, as medidas anunciadas pelo presidente são boas, mas fico na dúvida com relação à rapidez com que ele pretende alcançar resultados. Em um ano eleitoral, é bem mais fácil pensar que, ao invés de poupar, ele vá gastar ainda mais. Na minha opinião, trata-se de um projeto conceitualmente correto, mas de sucesso extremamente difícil".

Roberto Capuano, presidente do Conselho Regional dos Corretores de Imóveis: "Os cargos públicos no Brasil sempre foram massa de manobra política. Por isso, acho muito difícil a adoção à risca das medidas a partir das pressões que o governo sofrerá nos bastidores. Essa aparente austeridade será gradativamente desfeita, embora algumas medidas possam atingir plena eficiência. Todas as alternativas, até o momento, foram infrutíferas".

Sérgio Mauad, presidente do Secovi: "A construção pode aquecer a economia do País a partir das recentes medidas habitacionais do governo, pois representa um terço da força de trabalho. Esse é um ponto certo para nós. No entanto, fica uma única dúvida: como se comportará a inflação? Se as medidas anunciadas anteontem pelo presidente forem levadas a sério, o País sairá da recessão. Aliás, esse é o único meio para isso. Há muito sabemos que o déficit público gera inflação e temos certeza de que se o presidente tiver pulso, apesar de estarmos num ano eleitoral, sairemos do buraco".



Romeu Chap Chap

14/04/87



Roberto Capuano

25/12/87



Abram Szajman

29/09/87